

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ADRIANA SANTANA DE BARROS
NATALIA MARIA PEREIRA DA SILVA
TAMIRES SANTANA DA SILVA

MÉTODOS DA ALFABETIZAÇÃO:
Um Estudo Bibliográfico da História das Fases da
Alfabetização na Atualidade

RECIFE/2022

ADRIANA SANTANA DE BARROS
NATALIA MARIA PEREIRA DA SILVA
TAMIRES SANTANA DA SILVA

**MÉTODOS DA ALFABETIZAÇÃO:
Um Estudo Bibliográfico da História das Fases da
Alfabetização na Atualidade**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA,
como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.

Professor Orientador: Esp. Hugo Christian de Oliveira Felix.

RECIFE/2022

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 1745.

B277m Barros, Adriana Santana de
Métodos da alfabetização: um estudo bibliográfico da história das fases da alfabetização na atualidade / Adriana Santana de Barros, Natalia Maria Pereira da Silva, Tamires Santana de Lima. Recife: O Autor, 2022.

22 p.

Orientador(a): Esp. Hugo Christian de Oliveira Felix.

Trabalho De Conclusão De Curso (Graduação) - Centro
Universitário Brasileiro – Unibra. Licenciatura em Pedagogia, 2022.

Inclui Referências.

1. Alfabetização. 2. Escola. 3. Educação. I. Silva, Natalia Maria Pereira da. II. Silva, Tamires Santana da. III. Centro Universitário Brasileiro - Unibra. IV. Título.

CDU: 37.01

*Dedicamos este trabalho, primeiramente a Deus,
que sempre se fez presente em todos os
momentos de nossas vidas. Aos nossos pais, por
todos os ensinamentos ao decorrer da vida,
carinho e dedicação, pois nada seria possível sem
vocês! Dedicamos também aos nossos filhos, por
todo amor do mundo, sem vocês não seríamos
absolutamente nada. Não há palavras suficientes
para demonstrar tamanha gratidão. A todos, o
nosso muito obrigado!*

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus em primeiro lugar, pois sem ele não teríamos conseguido chegar até aqui! Obrigado senhor, por sua presença constante em cada momento das nossas vidas, guiando nossos passos, iluminando nossos caminhos, nos dando forças e coragem para seguir em frente, em busca dessa tão sonhada conquista.

Aos nossos pais, por todo apoio e amor incondicional. Por sempre acreditar em cada uma de nós, pois sempre permaneceram ao nosso lado, não deixando nos desanimar, nos encorajando e em todos os momentos difíceis nos mostrando que éramos fortes o suficiente para conseguir.

Em especial, gostaríamos de agradecer ao nosso orientador Hugo Christian de Oliveira Félix, por sua supervisão presente, paciência e compreensão, cuja foi imprescindível para que a realização deste trabalho fosse cumprida. Obrigado!

Por fim, aos nossos companheiros, amigos e familiares que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	9
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
3.1. A HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL.....	10
3.2. MÉTODOS SINTÉTICOS DE ALFABETIZAÇÃO.....	12
3.2.1. MÉTODO ALFABÉTICO OU SOLETRAÇÃO.....	13
3.2.2. MÉTODO FÔNICO OU FONÉTICO.....	14
3.2.3. MÉTODO SILÁBICO.....	15
3.3. MÉTODOS ANALÍTICOS DE ALFABETIZAÇÃO.....	15
3.3.1. MÉTODO DE PALAVRAÇÃO.....	16
3.3.2. MÉTODO DE SENTENCIAÇÃO.....	16
3.3.3. MÉTODO GLOBAL DE CONTOS.....	17
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	18
4.1. O PROCESSO HISTÓRICO DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
6 REFERÊNCIAS.....	21

MÉTODOS DA ALFABETIZAÇÃO: Um Estudo Bibliográfico da História das Fases da Alfabetização na Atualidade

Adriana Santana de Barros
Natalia Maria Pereira da Silva
Tamires Santana da Silva
Hugo Christian de Oliveira Felix¹

Resumo: A história da alfabetização no Brasil se confunde com a história dos métodos de alfabetização, que remontam ao final do século XIX. Desde então, pode se dizer que houve diversas discussões calorosas, nas quais não havia um consenso entre as diversas soluções para a dificuldade de aprendizado de crianças referente à leitura e à escrita, sobretudo em se tratando de escolas públicas. Estas disputas culminaram em um horizonte de multiplicidade de tematizações, normatizações e concretizações acerca da alfabetização como prática escolar. Este trabalho tem como objetivo discorrer exatamente sobre este cenário da história dos métodos de alfabetização no Brasil, a partir de uma pesquisa bibliográfica. Foram encontrados como resultados as concepções históricas da evolução dos métodos de alfabetização, que não são uma unanimidade, onde se percebeu que houve muita visão contrária durante este processo na literatura.

Palavras-chave: Alfabetização; Escola; Educação.

1 INTRODUÇÃO

Embora hoje exista uma significativa evolução do sistema de alfabetização, faz-se necessária uma análise das abordagens que utilizamos atualmente para constatar que determinado método ou técnica está sendo empregado de maneira viável.

Para que os profissionais tenham sucesso na tarefa de alfabetizar é necessário que haja diversas ações que, em conjunto, colaborem para isso. Um grande exemplo de ação são as políticas públicas voltadas para esse segmento que conjuntamente aos professores fazem acontecer de maneira viável o processo de alfabetização. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN), a educação, é dever da família e do Estado, que tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo

¹ Docente da UNIBRA. Esp. em Gestão Educacional. E-mail: hugo.christian@grupounibra.com

para o exercício da cidadania bem como a sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

É de extrema relevância conhecer o percurso histórico da alfabetização para assim entendermos quais os fatores que fizeram chegar aos resultados que temos nos dias atuais. Neste sentido, Vasconcellos (2003, p. 77) afirma que:

O professor deve assumir como sujeito de transformação no sentido mais radical (novos sentidos, novas perspectivas e dimensões para a existência, nova forma de organizar as relações entre os homens), e se comprometer também com a alteração das condições de seu trabalho, tanto do ponto de vista objetivo (salário, carreira, instalações, equipamentos, número de alunos por sala, etc.), quando subjetivo (proposta de trabalho, projeto educativo, relação pedagógica, compromisso social, vontade política, abertura para a mudança, disposição democrática, etc.).

A abordagem escolhida para a criação deste trabalho é a da pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, com o objetivo exploratório, buscando assim, levantar todas as informações teóricas a fim de se chegar à conclusão.

Segundo Santos e Candeloro (2006), existem duas naturezas diferentes para uma pesquisa metodológica, são elas, qualitativa e quantitativa. Sendo assim:

A pesquisa de natureza qualitativa é aquela que permite que o acadêmico levante dados subjetivos, bem como outros, níveis de consciência da população estudada, a partir de depoimentos dos entrevistados, ou seja, informações pertinentes ao universo a ser investigado, que leve em conta a ideia de processo, de visão sistêmica, de significações e de contexto cultural (SANTOS; CANDELORO, 2006, p. 71-72).

Segundo Mayring (2004), as técnicas de análise de dados qualitativos servem como contribuição para a interpretação de questões abertas ou mesmo de textos, o que ocorre por meio de uma descrição objetiva, sistemática e qualitativa de seu conteúdo.

A pesquisa exploratória tem como objetivo a coleta de elementos que ordenado sistematicamente possibilitem o conhecimento de uma determinada situação, hipótese ou norma de procedimento (GIL, 2008).

De acordo com Fontelles, Simões e Farias (2009, p. 4):

É através da revisão ampla da literatura que o pesquisador passará a conhecer a respeito de quem escreveu o que já foi publicado, quais aspectos foram abordados e as dúvidas sobre o tema ou sobre a questão da pesquisa proposta.

Nessa perspectiva foi realizada uma pesquisa quantitativa no Banco de Teses da CAPES, entre os anos de 2020 e 2021, na área da educação. Foram identificados 4292 trabalhos voltados para alfabetização na atualidade. É notória a quantidade de trabalhos que abordam essa temática que nos leva a refletir sobre a sua emergência. As fontes utilizadas foram selecionadas através do Google Acadêmico, a partir dos descritores alfabetização, métodos de alfabetização, história da alfabetização. A pesquisa teve como principal autor nas suas referências bibliográficas a pesquisadora Maria do Rosário Longo Mortatti (2006, 2009), referência no tema no Brasil.

A presente pesquisa tem como objetivo central identificar para melhor compreender como se deu o percurso histórico das fases da alfabetização e sua realidade atual. Os objetivos específicos são: i. identificar os métodos de alfabetização mais difundidos na história; ii. descrever as fases da alfabetização na atualidade; e iii. pesquisar sobre a evolução do processo de alfabetização.

2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A abordagem escolhida para a criação deste trabalho é a da pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, com o objetivo exploratório, buscando assim, levantar todas as informações teóricas a fim de se chegar à conclusão.

Segundo Santos e Caneloro (2006), existem duas naturezas diferentes para uma pesquisa metodológica, são elas, qualitativa e quantitativa. Sendo assim:

A pesquisa de natureza qualitativa é aquela que permite que o acadêmico levante dados subjetivos, bem como outros níveis de consciência população estudada, a partir de depoimentos dos entrevistados, ou seja, informações pertinentes ao universo a ser investigado, que leve em conta a ideia de processo, de visão sistêmica, de significações e de contexto cultural (SANTOS; CANDELORO, 2006, p. 71-72).

Segundo Mayring (2004), as técnicas de análises de dados qualitativos servem como contribuição para a interpretação de questões abertas ou mesmo de textos, o que ocorre por meio de uma descrição objetiva, sistemática e qualitativa de seu conteúdo.

A pesquisa exploratória tem como objetivo a coleta de elementos que ordenado sistematicamente possibilitem o conhecimento de uma determinada situação, hipótese ou norma de procedimento (GIL, 2008).

De acordo com Fontelles, Simões e Farias (2009, p. 4):

É através da revisão ampla da literatura que o pesquisador passará a conhecer a respeito de quem escreveu o que já foi publicado, quais aspectos foram abordados e as dúvidas sobre o tema ou sobre a questão da pesquisa proposta.

Nessa perspectiva foi realizada uma pesquisa quantitativa no Banco de Teses da CAPES, entre os anos de 2020 e 2021, na área da educação. Foram identificados 4.292 trabalhos voltados para alfabetização na atualidade. É notória a quantidade de trabalhos que abordam essa temática que nos leva a refletir sobre sua emergência, as fontes utilizadas foram selecionadas através do Google Acadêmico, a partir dos descritores “alfabetização”; “métodos de alfabetização”; e “história da alfabetização”. A pesquisa teve como principal autor nas suas referências bibliográficas a pesquisadora Maria do Rosário Longo Mortatti (2006, 2009), referência no tema no Brasil.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. A HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

A história da alfabetização no Brasil, iniciou-se com o interesse dos padres jesuítas em educar para formar um homem cristão. Os índios foram os primeiros a serem educados, logo em seguida os índios foram considerados como ignorantes e incapazes de aprender. E desde então os ensinamentos dos padres jesuítas passaram a ser os filhos dos colonizadores.

Neste período eram de cunho religioso, para os ensinamentos da fé cristã e mandamentos da igreja, como afirma Cagliari (SILVA et al., 2007 p.55) "O texto não-religioso apareceu muito tempo depois, como preocupação típica da escola.", com a diminuição do poder da igreja sobre as escolas e o domínio do Estado sobre a

educação, a leitura e a escrita passaram a ser um instrumento para formar o indivíduo para o desenvolvimento do país, para promover a moral e a valorização patriótica (SILVA et al., 2007 p.22). Contudo, os interesses da educação influenciaram as práticas escolares e novas concepções e métodos foram surgindo. Para o desenvolvimento do país, surgiu a preocupação que as pessoas soubessem ler e escrever e para isso, a alfabetização passou a ser uma prática social.

Para se alcançar a definição de alfabetização, foi necessário reconhecer a existência do analfabeto, que tem uso mais antigo, do início do século XVII, tem o mesmo sentido nos dias atuais como: "o ignorante das letras do alfabeto, que não sabe ler nem escrever, também, que não tem instrução primária." (MORTATTI, 2004, p. 38). Este conceito não está relacionado somente à decodificação das letras do alfabeto, mas também à aprendizagem da matemática entre outros ensinamentos primários.

Segundo Mortatti (2004 p. 57), mesmo este termo sendo tão antigo, a preocupação com os analfabetos, surgiu no século XIX, com a proibição ao voto pelas pessoas que não sabiam ler nem escrever, e em 1881 e 1882 sendo um problema de caráter político e social. Para um país que há pouco havia declarado a independência, com a criação de políticas públicas, era necessário o desenvolvimento do Brasil e, para isso, a instrução das pessoas era necessária para o desenvolvimento integral do país político, social e cultural.

É necessário esclarecer que neste período, segundo Silva et al (2007, p. 20) "[...] consideravam-se alfabetizadas pessoas capazes de escrever seu próprio nome" o que era tido como essencial para ser considerado alfabetizado era o simples fato da pessoa escrever e/ou ler o seu próprio nome, que para muitos, essa tarefa era impossível de ser cumprida, pois nesse contexto no Brasil a maior parcela da população era pobre, não tinham leis que garantissem o ensino para todos, desta maneira, a simples aprendizagem do nome era um grande diferencial.

Algumas mudanças tiveram que ocorrer em relação à alfabetização no início do século XX, obter o domínio do seu próprio nome já não era suficiente para ser considerado alfabetizado. Por volta de 1940, ser considerado alfabetizado era o indivíduo que soubesse ler e escrever um simples bilhete.

Claro que se trata de uma caracterização imprecisa, afinal o que é "um simples bilhete? " De qualquer maneira, a definição supunha alguém que fazia alguma operação objetiva com a escrita, de modo que escrever e ler um bilhete simples pareceria uma espécie de "teste" - quem lê e escreve um bilhete simples deve saber ser capaz de fazer pequenas listas, copiar palavras, ler frases soltas. De toda maneira, esta definição já implicava que o mero conhecimento de letras, não poderia ser demonstração de alfabetização. (SILVA et al., 2007 p.20)

Ficou comprovado que a aprendizagem da leitura e da escrita, teria que ser além da simples codificação e decodificação das letras, era preciso que o alfabetizado fosse capaz de exercer de maneira significativo uso desta habilidade, sendo um sujeito ativo na sociedade em que estava inserido, contribuindo para o progresso dos pais.

Para o entendimento das novas concepções sobre a alfabetização e devido aos avanços nas pesquisas em relação a educação novos métodos de ensinamentos foram surgindo ao longo do tempo como por exemplo método sintético e analítico.

Não é possível delimitar os tipos de métodos de alfabetização com base em um único critério. Suas definições já foram tão amplamente estudadas que o conceito se multiplicou a cada instituição, em cada momento, a depender de cada situação, pode utilizar um conjunto de tipos de métodos de alfabetização diferentes.

3.2. MÉTODOS SINTÉTICOS DE ALFABETIZAÇÃO

Algumas pesquisas históricas permitem supor que os primeiros métodos utilizados no ensino da escrita foram os métodos sintéticos. Vários deles ainda permanecem até os dias atuais. Nos métodos sintéticos, são usados procedimentos que partem de unidades menores para chegar nas unidades maiores (da parte para o todo), ou seja, as unidades ensinadas são menores que as unidades de significado da língua em questão. Logo, podem ser apresentadas inicialmente as letras, os sons das letras ou as sílabas, tal demonstração pode acontecer conforme uma ordem específica ou sem sequência anteriormente determinada. Após a introdução das unidades menores, ensina-se a sua síntese em unidades maiores, formando sílabas, palavras, frases e finalmente, textos. A aprendizagem pelos métodos sintéticos leva a decodificação ou decifração.

Os métodos sintéticos seguem a marcha que vai das partes para o todo. Na história dos métodos sintéticos temos a eleição de princípios organizativos diferenciados que privilegiam a decoração de sinais gráficos e as correspondências fonográficas. Essas tendências compreendem o método alfabético que toma como unidade a letra; o método fônico que toma como unidade o fonema e o silábico que toma como unidade um segmento fonológico mais facilmente pronunciável, que é a sílaba. De maneira geral parece que a escolha por apenas um caminho para a sistematização das relações fonema-grafema, a letra, o fonema ou a sílaba, é que diferencia o tratamento em torno das correspondências fonográficas (FRADE, 2007, p. 22).

3.2.1 Método Alfabético ou Soletração

Dentre os métodos sintéticos, o mais antigo, que foi utilizado em massa até o início do século XX, é o método alfabético. Segundo Frade (2005) tal método:

Consistia em apresentar partes mínimas da escrita, as letras do alfabeto, que, ao se juntarem umas às outras, formavam as sílabas ou partes que dariam origem às palavras. Os aprendizes, primeiro, deveriam decorar o alfabeto, letra por letra, para encontrar as partes que formariam a sílaba ou outro segmento da palavra: somente depois viriam a entender que esses elementos poderiam se transformar numa palavra. (FRADE, 2005, p. 23).

Depois de um certo tempo, foi criado o procedimento de soletração, que ocasionou em exaustivos exercícios de "cantilenas", que consistia na cantorias dos nomes das letras do alfabeto e suas combinações, havia também o treino com possíveis combinações de letras em silabários. Diante disso, um dos exemplos a ser citados para a aplicação do método alfabético são as cartas de ABC e o Silabário.

O método alfabético trazia uma vantagem: o próprio nome de cada letra do alfabeto (com algumas exceções) remete a pelo menos um dos fonemas que ela representa na escrita. Entretanto, no momento de leitura das palavras, na junção das partes feita mediante a pronúncia do nome da letra, ocorria um percurso tortuoso. Era preciso pronunciar primeiro o nome da letra, mas também tentar abstrair os outros sons existentes em seu nome. Isso era necessário porque, ao se pronunciar o nome da letra, entravam sons que não pertenciam à sílaba ou à palavra. Tente imaginar a abstração necessária ao aprendiz, para retirar o excesso de sons na palavra que se soletra assim: 'be-a-ba, ene-a-na, ene-a-na = banana'. Talvez por isso tenham sido criados outros alfabetos, como o alfabeto popular de regiões do nordeste: a, bê, cê, dê, ê, fê... lê, mê, nê, etc., que ajudam a eliminar algumas sobras de sons, na hora da junção de letras. Assim, se poderia soletrar, com menos sacrifício: bê-a-ba, nê-a-na, nê-a-na = banana, (FRADE, p.24).

Ressaltando que o método alfabético também tem seus riscos: A memorização fora do contexto das letras e de algumas sílabas afasta o educando do significado das palavras. É impossível desenvolver o conhecimento sistemático do alfabeto em textos com sentido e com uso de materiais como letras móveis.

3.2.2. Método Fônico ou Fonético

O método fônico também faz parte dos métodos sintéticos. Ele foi mencionado na França, por Vallange, em 1719, na Alemanha, por Enrique Stephani, em 1803 e foi trabalhado e espalhado por Montessori, na Itália, a partir de 1907. O método fônico tem parte da relação direta entre o fonema e o grafema. Cujo princípio é de que é preciso ensinar as relações entre os sons e as letras, para que se relacione a palavra falada com a escrita, começando dos sons mais simples, para os mais complexos, das vogais para as consoantes. Por fim, formam-se as sílabas e as palavras. Desse jeito a unidade mínima de análise é o som (FRADE, 2005).

No método fônico começa-se ensinando a forma e o som das vogais. Depois ensinam-se as consoantes, estabelecendo entre consoantes e vogais relações cada vez mais complexas. Cada letra é aprendida como um som que, junto a outro som, pode formar sílabas e palavras. Para o ensino dos sons, há uma sequência que deve ser respeitada, indo-se de relações diretas entre fonemas e grafemas para relações mais complexas. Na organização do ensino, a aprendizagem da relação fonema/grafema é o principal objetivo. (FRADE, 2005, p. 25).

O método fônico é bastante utilizado na atualidade, pois por vezes quando o educando pronuncia com sua voz uma determinada letra, é estabelecida a relação direta da letra com o som que a mesma representa, esta relação entre o fonema e a letra normalmente ocorrem com as letras: "p" e "b", "v" e "f", "t" e "d". Sendo assim é possível a compreensão mentalmente do som e da escrita, obtendo assim uma aprendizagem significativa. No entanto, existem alguns problemas, na nossa língua as relações entre letras e sons variam muito, uma única letra pode representar diversos sons e vice-versa. O sistema de escrita é uma representação complexa, e a abordagem fônica sozinha, pode não dar conta dela.

3.2.3. Método Silábico

Um outro método que integra os métodos de marcha sintética é o silábico. “O método silábico constitui-se a partir da sistematização das sílabas, tendo início pelas vogais e encontros vocálicos. Indo das partes para o todo, a unidade principal a ser analisada pelos alunos é a sílaba” (FRADE, 2005, p. 25).

O processo de aplicação do método geralmente é apoiado por cartilhas que possuem as famílias silábicas, dando início pelas sílabas formadas pelo uso de uma consoante e uma vogal, iniciando das sílabas mais "simples" para as "complexas". São apresentadas palavras-chave, utilizadas para indicar as sílabas que são destacadas e estudadas sistematicamente. Aos poucos os educandos vão formando pequenas frases e textos. Para Frade (2005):

As palavras vão sendo formadas com as sílabas já apresentadas e conhecidas pelos alunos, para a partir daí formarem, gradativamente, pequenas frases e textos. São utilizadas palavras-chave, cuja função é indicar as sílabas destacadas (FRADE, 2005, p. 47).

O método também possui suas vantagens e desvantagens. Segundo Annunziato (2019):

Uma vantagem é que esse método utiliza-se da sonoridade das palavras, pois ao falarmos, pronunciamos sílabas, ao contrário de letras e sons separados. Uma desvantagem é que se há foco numa unidade sonora, o aluno pode perder o contato com textos reais e bem estruturados, dando espaço a frases sem sentido (ANNUNCIATO, 2019, p. 24).

3.3. MÉTODOS ANALÍTICOS DE ALFABETIZAÇÃO

Os métodos analíticos abrangem o sentido global. O seu processo se inicia do todo para as partes, nele surgem os métodos - global, de sentencição e palavração. Segundo Frade (2007, p. 26), os métodos analíticos:

[...] partem do todo para as partes e procuram romper radicalmente com o princípio da decifração. Buscando atuar na compreensão, estes defenderam a inteireza do fenômeno da língua dos processos de, palavra, a frase e o texto e supõem que baseando-se no reconhecimento global como estratégia inicial, os

aprendizes podem realizar posteriormente um processo de análise de unidades que dependendo do método (global de contos, sentencição ou palavrção) vão do texto à frase, da frase à palavra, da palavra à sílaba. (FRADE, 2007, p. 26).

3.3.1 Método de Palavrção

No processo do método de palavrção são apresentadas palavras significativas em agrupamentos, extraídas de textos ou de uma história. Os educandos aprendem através da visualização e a configuração gráfica, fazendo a relação das palavras com as imagens, assim elaborando uma análise dos elementos.

Morais, Albuquerque e Leal (2008, p. 17) declaram que esse processo acontece da seguinte forma:

[...] a criança é colocada diante de uma lista de palavras ditas e compreendidas num processo oral, usando assim, a técnica da memorização, para o reconhecimento global de certa quantidade de palavras da lista em combinações diferentes, para construir sentenças significativas e, na sequência, trabalhar as sílabas/letras até a criança se tornar capaz de fazer de forma automática, as conversões letras/sons.

O método tem como vantagem um meio-termo entre as práticas sintéticas e analíticas, permitindo que seja trabalhada as unidades menores, não tendo necessidade de dissociá-las do significado. O educando se desenvolve na aprendizagem de estratégias de leitura inteligente e associa a leitura com prazer e informações. Tendo como riscos o foco só no reconhecimento gráfico das palavras, podendo ser prejudicial a análise das sílabas, letras e grafemas, afetando o reconhecimento de novas palavras. Esse processo costuma ser amenizado pela utilização de palavras estáveis, como o próprio nome.

3.3.2 Método de Sentencição

No processo do método de sentencição o alfabetizador trabalha a comparação das palavras, porém, é isolado os elementos conhecidos dela, ampliando assim o vocabulário. Desse jeito irão surgir novas palavras e fazer a leitura delas. “Na sentencição, a unidade inicial do aprendizado é a frase, que é depois dividida em

palavras, de onde são extraídos os elementos mais simples: as sílabas” (BORGES, 2008, p. 3).

O método de sentencição permite que os educandos se relacionem com o significado dos textos e aprendam desde o início do processo de alfabetização, a utilização de estratégias de leitura inteligente, como o exemplo do método de palavração. O método tem riscos semelhantes ao de palavração, o ensino por sentencição pode acarretar problemas como a dificuldade em decodificar textos novos por falta de uma análise mais detida nas unidades que fazem parte da base do sistema de escrita.

3.3.3. Método Global de Contos

O método global de contos ou de historietas toma como unidade de partida o texto (história de contos). dessa forma, a alfabetização se dá por um reconhecimento global de um texto que é lido e memorizado pelo educando, durante um certo período, somente depois do aperfeiçoamento do texto, ele seria decomposto em frases, palavras e sílabas.

No método global de contos e historietas a marcha seguida com algumas variações, parte do reconhecimento global de um texto que é memorizado e “lido” durante um período, para reconhecimento de sentenças, seguida do reconhecimento de expressão (porções de sentido) de palavras e finalmente, sílabas (FRADE, 2007, p. 27).

O método tem como vantagem manter o foco no sentido dos textos, proporcionando desde o início da aprendizagem o contato com o texto, porém, tem como riscos o trabalho sistemático com as unidades menores, que fazem da estrutura básica da língua escrita, podendo ficar enfraquecido. Além disso, a utilização só de textos para fins escolares não é positiva, pois o educando precisa conviver com textos reais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. O PROCESSO HISTÓRICO DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

O processo de alfabetização, no Brasil, passou por etapas, sendo a primeira metodização do ensino da leitura, em meados do império brasileiro e que consistia em um ensino carente de organização, com poucas escolas ainda, que, na realidade, eram salas adaptadas abrigando todas as séries juntas, funcionando em prédios pouco apropriados para o fim educacional. As aulas se chamavam de “aulas régias”:

Em decorrência das precárias condições de funcionamento, nesse tipo de escola o ensino dependia muito mais do empenho do professor e alunos para subsistir. E o material de que se dispunha para o ensino da leitura era também precário, embora, na segunda metade do século XIX, houvesse aqui algum material impresso sob a forma de livros para fins de ensino de leitura, editados e produzidos na Europa. Habitualmente, porém, iniciava-se o ensino da leitura com as chamadas “cartas de ABC” e depois se liam e se copiavam documentos manuscritos. Para o ensino da leitura, utilizavam-se, nessa época, métodos de marcha sintética (da “parte” para o “todo”): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente, reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas. Quanto à escrita, esta se restringia à caligrafia e ortografia, e seu ensino, à cópia, ditados e formação de frases, enfatizando-se o desenho correto das letras (MORTATTI, 2006, p. 3).

Esta metodologia foi a pedra fundamental, por assim se dizer, da História da alfabetização no Brasil, e inclusive, Mortatti (2009) reforça que houve, posteriormente a esta fase, uma etapa de disputa entre os defensores do então “novo” método da palavração e dos “antigos” métodos sintéticos (alfabético, fônico, silábico), que se decorreu até meados de 1920. Houve, a partir de então uma evolução considerável de metodologia aplicada, conforme descrito no trecho a seguir:

3°. Momento (meado dos anos de 1920 a final da década de 1970) - disputas entre defensores dos “antigos” métodos de alfabetização (sintéticos e

analíticos) e os dos então "novos" testes ABC para verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita, de que decorre a introdução dos "novos" métodos mistos: 4°. Momento (meados da década 1980 a 1994) - disputas entre os defensores da então "nova" perspectiva construtivista e os dos "antigos" testes de maturidade e dos "antigos" métodos de alfabetização. Como o ano de 1994 indica apenas o encerramento daquela etapa da pesquisa, uma vez que considero que este quarto momento da história da alfabetização no Brasil se encontra ainda em curso, em livro e artigo posteriores (MORTATTI, 2009, p. 96).

Ainda há o 4° momento da alfabetização, batizado de construtivismo e desmetodização, que remonta da década de 1980, quando se passou a questionar a atual tradição, sobretudo por conta de novas urgências políticas e sociais que se fizeram acompanhar de propostas de mudança na educação, a fim de se enfrentar, particularmente, o fracasso da escola na alfabetização de crianças. Desta forma, houve uma introdução do pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre psicogênese da língua escrita, em grande parte mediante a referência da pesquisadora argentina Emilia Ferreiro Mortatti (2006, p. 11):

Deslocando o eixo das discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança (sujeito cognoscente), o construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas como uma "revolução conceitual", demandando, dentre outros aspectos, abandonar-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas. A partir de então, verifica-se, por parte de autoridades educacionais e de pesquisadores acadêmicos, um esforço de convencimento dos alfabetizadores, mediante divulgação massivas de artigos, teses acadêmicas, livros e vídeos, cartilhas, sugestões metodológicas, relatos de experiências bem sucedidas e ações de formação continuada, visando a garantir a institucionalização, para a rede pública de ensino, de certa apropriação do construtivismo. Inicia-se, assim, uma disputa entre os partidários do construtivismo e os defensores - quase nunca "confessos", mas atuantes especialmente no nível das concretizações - dos tradicionais métodos (sobretudo o misto ou eclético), das tradicionais cartilhas e do tradicional diagnóstico do nível de maturidade com fins de classificação dos 11 alfabetizandos, engendrando-se um novo tipo de ecletismo processual e conceitual em alfabetização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi trazer um pouco do contexto histórico da alfabetização no Brasil, com destaque para os métodos sintético e analítico. Através de todo o processo histórico que até aqui foi abordado, foi possível analisar que o Brasil sempre procurou um método que viesse alcançar um índice maior de alfabetização, pois na alfabetização tradicional para ser considerado um ser alfabetizado, escrever seu próprio nome já era o suficiente, porém, isso não cabe na realidade em que vivemos hoje. Daí foram surgindo várias formas de alfabetizar, cada uma delas possuía um aspecto para o desenvolvimento da aprendizagem, visando que os métodos configuram-se como um processo de grande complexidade. Dessa forma, com todas as leituras para o desenvolvimento deste artigo, não há como definir quais métodos são mais ou menos importantes no processo de alfabetização, visto que possuem suas relevâncias e podem ser adaptados para melhor se adequar a realidade do educando. Dessa maneira, cabe ao alfabetizador escolher qual método irá atender às necessidades de cada educando da sua turma, já que cada um possui suas dificuldades, porém, isso só será possível através das suas vivências pedagógicas, no seu cotidiano em sala de aula.

Método é um caminho em direção à criança alfabetizada, e se para trilhar um caminho é necessário conhecer seu curso, seus meandros, as dificuldades que se interpõem, alfabetizadores(as) dependem do conhecimento dos caminhos da criança - dos processos cognitivos e linguístico de desenvolvimento e aprendizagem da língua escrita - para orientar seus próprios passos e os passos das crianças - é o que se dominou alfabetizar com método: alfabetizar conhecendo e orientando com segurança o processo de alfabetização, o que se diferencia fundamentalmente de alfabetizar trilhando caminhos predeterminados por convencionais métodos de alfabetização (SOARES, 2016, p. 352).

O processo de alfabetização requer um grande esforço do educando que está sendo alfabetizado, como dos adultos que vivem ao seu redor e do seu educador. Nesse sentido, ressaltamos que para o processo de alfabetização ocorrer de forma eficaz, existe todo um conjunto de participação integrada entre escola e família. Por fim, é necessário que os professores sejam motivados e estejam envolvidos e capacitados para lidar com o assunto, possuindo uma formação continuada nesse sentido, para que o ensino/aprendizagem dos educandos sejam maximizados em todos os aspectos.

Mediante as nossas leituras, identificamos a importância de novas pesquisas que possam abranger a aplicação dos métodos alfabéticos na modalidade da EJA (Educação de Jovens e Adultos), já que existe uma certa carência nessa área. Outra sugestão, são os desafios que o professor alfabetizador encontra para desenvolver sua prática de forma que alcance todos os seus educandos. Concluímos que o presente artigo, foi de suma importância para adquirirmos conhecimento sobre o tema proposto na pesquisa e para o nosso desenvolvimento profissional, pois pudemos perceber o desafio do processo de alfabetização do discente, que segundo Magda Soares (2017) “alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever.” E principalmente, é necessário alfabetizar letrando.

REFERÊNCIAS

BORGES, Cesar Afonso. **Curso: educação infantil e alfabetização**. Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena. Associação Juinense de Ensino Superior do Vale do Juruena Pós-Graduação Lato Sensu em Educação infantil e alfabetização. Mato Grosso, 2008. Disponível em: http://www.pos.ajes.edu.br/arquivos/referencial_20110625101510.pdf. Acesso em: 22 maio. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 20 maio. 2022.
FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos de alfabetização: princípios e transformações. In: **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer professores**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005, p. 23-47. (Coleção Alfabetização e Letramento).

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos de alfabetização:** perspectivas históricas e desafios atuais. Artigo Científico. 2007. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista>. Acesso em: 18 maio. 2022.

FONTELLES, M. J.; SIMÕES, M. G. FARIAS, S.H. **Metodologia da pesquisa científica:** diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. Belém: UNAMA, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MAYRING, P. Qualitative Content Analysis. *in:* FLICK, Uwe; VON KARDORFF, Ernst; STEINKE, Ines (ed.). **A companion to qualitative research.** London: Sage, 2004.

MORTATTI, M. R. L. A "querela dos métodos" de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. Revista **ACOALFaplp:** Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, São Paulo, ano 3, n. 5, 2008. Disponível em: <http://www.acoalfaplp.net>. Acesso em: 7 mar. 2022.

MORTATTI, M. R. L. História dos métodos de alfabetização no Brasil, **Portal Mec,** Brasília, 27 abr. 2006.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Educação e Letramento.** São Paulo: Unesp, 2004.

SANTOS, V.; CANDELORO, R. **Trabalhos acadêmicos:** uma orientação para pesquisa e normas técnicas. Porto Alegre: AGE, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro da et al (Org.). **Alfabetização no Brasil:** questões e provocações da atualidade. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização:** a questão dos métodos. São Paulo. Contexto, 2016.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. 7. ed. São Paulo. Contexto, 2017. E-book.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o Professor?** Resgate do Professor como sujeito de transformação. 10. ed. São Paulo: Libertad, 2003.